

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 644	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	15 DE NOVEMBRO DE 1896	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

## CASAMENTO DO DUQUE DE ORLEANS



O DUQUE DE ORLEANS E A ARCHI-DUQUEZA MARIA DOROTHEA

(Copia de photographia de Strelisky)



## CHRONICA OCCIDENTAL

Um crime horrivel, d'estes que arripiam as carnes e mal podem ser concebidos pelas estranhotticas fantasias de romancistas fantasticos, acaba de alvoroçar a curiosidade publica, de provocar a indignação nas almas mais frias.

Uma mulher, tão desgraçada que nunca sentiu vislumbres da alegria da maternidade, acaba de ser complice no assassinato cruel d'um desgraçado homem, seu filho.

A ambição da fortuna foi mais uma vez a causadora do crime.

Triste fim de seculo, em que os homens de dinheiro dominam, em que tão poucas vezes se lhes pergunta d'onde elle lhes veio, porque meios dignos ou não o adquiriram, em que poucos se importam com os que soffrem miserias cruas, fomes negras, loucos desesperos, para que outros levem vida farta, atirem o oiro insultuoso á cara dos miserimos, como d'antes se atirava lama aos que foram d'aquella infamissima laia!

A ancia do dinheiro, a consideração ligada exclusivamente aos ricos, são as causas primarias da maioria dos crimes.

O desprezo pelos gosos patriarchaes de familia, pelas manifestações da grande arte simples, pelo trabalho honesto que apenas dá o pão de cada dia, comido em convívio alegre com os filhos pequenos, o desprezo pelo que é bello ingenuamente, pelo que é simplesmente bom, communicou-se como peste a todas as classes da sociedade. A vida hoje é febril, ninguém conta com o dia de amanhã; todos aceitam a agiotagem, que d'antes se castigava com açoites e a forca, e só por um falsissimo pudor se não applaude ainda o roubo descarado.

A lucta pela vida tornou se sanguinaria. Pouco falta para que um dia se degolem os miseraveis, para se lhes beber em haustos lascivos o sangue em borbotões nas arterias cortadas. D'ahi a deteza cruel dos esmagados, fazendo rebolar sobre os tyranos n'um esforço de Hercules os penedos amontoados, rolando, triturando ás vezes irmãos e innocentes.

De traz vem isto. Os homens de dinheiro fizeram durante muito tempo um trabalho de sapa. Hoje as galerias são a céu descoberto. Os degenerados tem em pleno dia os ataques epilepticos e na lucta pela vida vão de punhos cerrados, espumando, entre applausos e odios.

Para onde quer que nos voltemos depara senos esse hediondo e repugnante espectáculo, a que tão costumados andamos, que nem sequer lhe concedemos um olhar attento. E' preciso que um facto fóra do vulgar, por assim dizer fóra da humanidade, venha ferir com luz intensa todo esse remexer de vibrões na gangrena, para nos sacudir, nos acordar, nos abrir com garras agudas os olhos somnolentos de preguiça, de fastio, de nojo e de indiferença.

Tenho aberta sobre a minha mesa uma obra que por muitos devêra ser lida, que ha poucos dias reli quando da noticia do crime da Arruda, e que seria de grande lição para legisladores e juizes, professores e directores de educação, ricos caritativos, philanthropos pobresinhos. Refiro-me ás *Lições sobre a epilepsia e as pseudo-epilepsias* do professor Miguel Bombarda.

Desejaria poder para aqui copiar paginas e paginas d'esse livro precioso, que por todos pode ser comprehendido, pelo menos nos numerosos capitulos em que se refere ás causas das degenerescencias e que são um verdadeiro estudo da actual sociedade.

A fórma brutal porque é comprehendido o que ainda se quer chamar *instrução*, voragem a que tantos paes inconscientemente atiram os filhos, é, segundo o parecer do distincto e estudioso mestre, uma das causas principaes de tantos degenerados. E é ali que se amestram para a lucta, para esta triste lucta!

Os casamentos feitos sem criterio, unicamente para melhorar nos filhos ou filhas a posição social, ideal dos paes, são quantas vezes origem pernicioso de nova familia de doentes, e portanto um verdadeiro crime!

Nas desanove lições do illustre director do hospital de Rilhafolles todas as questões que se referem aos epilepticos são tratadas por forma notabilissima e digna da maior attenção. O capitulo sobre medicina legal é com certeza dos mais notaveis, notando-se que, na opinião do professor, «no epileptico vamos descobrir um conhecimento mais

ou menos exacto d'aquillo que é o mal, mas um conhecimento pervertido que o leva a amar o mal pelo mal, a adorar o mal como um fim.»

O crime é principalmente um fructo de degenerescencia, diz elle.

Sobre a ascendencia d'aquella mulher que tão cruel se mostrou, quando viu o filho asphixiado pelas mãos do irmão, morto ás punhaladas pelo outro, nada dizem os jornaes, mas d'elles, dos assassinos, sabe se que eram filhos d'um malvado, talvez d'um ladrão, netos d'um mal, famigerado jogador de páo.

Mas, se tanto não bastasse para classificar-os como degenerados, lá estava o irmão idiota, alcoolico, ha pouco sahido de Rilhafolles, a testemunhar a natureza criminosa dos paes, o crime commettido em lhe dar o ser.

Enquanto na casa de jantar, em volta da mesa a que hypocritamente convidaram a sentar-se aquelle que havia de ser a primeira victima, mãe e irmãos punham em pratica o que haviam em segredo tão bem combinado, o desgraçado idiota, sem ouvir, d'olho esboghado, pasmado, medroso, afugentava moscas com a mão, ou levantava-se, tremulo, para perseguir sombras, ratos que corriam phantasticamente pelo sobrado, inquieto com as visões do delirium tremens.

Foi um crime horroroso, d'estes que mettem vergonha á humanidade.

Que mãe aquella! Quando o amor de mãe tem sido tão cantado!

Ha tempos os jornaes traduziram um conto oriental, logo posto em verso por numerosos poetas.

Uma mulher de extraordinaria belleza era tão delirantemente amada, que desejou experimentar até que ponto por ella havia de sacrificar o amante seus outros affectos. E disse-lhe:

— Serei tua, se me trouxeres o coração de tua mãe.

Bem caro lhe fazia ella pagar um momento de ventura. Mas que importava? Um momento feliz, uma saudade eterna, era uma vida de felicidades!

Pegou n'um punhal e foi, cego de amor, abriu as entranhas que o haviam gerado, o seio que o amamentára; metteu as mãos nas carnes palpantes, puxou para fóra o coração e abalou a correr pela noite escura, sequioso do premio.

Tropeça e cae.  
E então nas mãos ouve, muito docemente, uma voz perguntar-lhe...

Era o coração de mãe que falava.

— Magoaste te meu filho?

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### CASAMENTO DO DUQUE DE ORLEANS

Realizou-se no dia 5 do corrente, em Buda-Pesth, o casamento do duque de Orleans, irmão de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Amelia, com a archi-duqueza Maria Dorothea Amelia, princeza da casa d'Austria.

A' cerimonia do casamento foi assistir a Rainha Senhora D. Maria Amelia, que para esse fim partiu de Lisboa para Vienna d'Austria, no dia 20 de novembro ultimo.

Este enlace verificou-se sob os melhores auspicios, porque ao contrario dos casamentos de principes, em que, quasi sempre, predominam as conveniencias politicas, este foi um casamento de amor, em que só se attendeu ao coração.

Ainda não ha muito tempo o duque de Orleans conheceu a archi-duqueza Maria Dorothea e desde a primeira vez que se avistaram, se sentiram attrahidos um para o outro, n'uma sympathia irresistivel que os levou a unirem se pelos indissolaveis laços da igreja.

O duque de Orleans Luiz Filipe Roberto de Orleans, filho dos condes de Paris, e bisneto do rei Luiz Filipe de França, nasceu em York House, no dia 6 de fevereiro de 1869, pelo que tem 27 annos de idade.

Hoje é o representante da familia Orleans e reconhecido chefe pelo partido realista da França. Reune apreciaveis dotes de intelligencia e finura politica a par de uma vasta illustração, que o tornam distincto, independente dos seus titulos de nobreza real.

Em Lisboa é muito conhecido o duque de Orleans pelas repetidas visitas que tem feito a esta capital, onde é estimado e respeitado da alta sociedade e por isso a noticia do seu casamento foi recebida com desusado interesse de estima pela aristocracia portugueza.

A archi-duqueza Maria Dorothea Amelia, princeza da casa d'Austria, é filha do archi-duque José, primo do imperador Francisco José e general de cavallaria. Nasceu em 1867, pelo que conta mais dois annos de idade que o seu noivo. É filha primogenita, tendo um irmão casado com uma princeza da Baviera e uma irmã casada com o principe de La-Tour-et-Taxis, pertencente a uma das casas mais ricas da Europa, pois que a sua familia tinha o privilegio da exploração dos correios na Allemanha, e para esse privilegio reverter ao Estado, teve este que a indemnizar com a renda de trinta e sete milhões de francos. É prima do seu noivo, por parte de sua mãe a princeza Clotilde de Saxe-Coburgo, neta de Luiz Filipe, e sobrinha da rainha da Belgica, Maria Henriqueta, irmã do archi-duque José.

A noiva do duque de Orleans allia aos dotes de uma peregrina formosura, a illustração de um espirito intelligente, muito culta em litteratura, linguas e musica.

Foi dotada em quatro milhões de francos e é herdeira de uma grande fortuna.

A archi-duqueza Maria Dorothea vem a ser 18.<sup>a</sup> duqueza de Orleans, pois tem havido em França dezeseite duquezas d'este titulo. Segundo a historia todas estas duquezas se distinguiram pelos seus notaveis dotes de formosura, intellectuaes e virtudes, chegando algumas a ser rainhas.

A primeira duqueza de Orleans foi Branca de França, ultima descendente dos Capetos, que desposando o principe Filipe, duque de Orleans e filho segundo de Filipe de Valois, estabeleceu o laço de união das duas familias.

A segunda duqueza de Orleans foi Valentina de Milão, mãe de Carlos de Orleans, o principe poeta. Carlos de Orleans casou primeiro com Isabel de França, filha de Carlos VI e de Isabel de Baviera viuva de Ricardo II de Inglaterra. Esta princeza morreu contando 21 annos de idade. Casou o duque de Orleans segunda vez com a princeza Bonne de Armagnac, de 17 annos de idade. A princeza Bonne foi muito doente e inspirou ao duque poeta sentidos versos que lhe eram dedicados. Apoz a batalha de Asincourt, em que Carlos de Orleans ficou prisioneiro, conduzido a Inglaterra e encerrado no Castello de Wuidsor, falleceu sua segunda esposa, o que o principe lamentou em sentidos versos dos mais inspirados que produziu. Terminado aquelle captivo, Carlos de Orleans regressou a França e ahi casou terceira vez com Maria de Cleves, filha do conde de La Marck e neta de João Sem-Medo. Depois de algumas viagens o duque de Orleans estabeleceu-se com a sua noiva no Castello de Blois, retirado da politica e entregue aos seus trabalhos litterarios em que foi muito auxiliado pela duqueza.

Depois d'estas tres duquezas, mulheres do duque Carlos aponta a historia, a princeza Joanna, casada com o principe Luiz, duque de Orleans que veio a ser Luiz XII de França, Joanna distinguise sobretudo por suas grandes virtudes e d'ella falla S. Francisco de Paula nos seguintes termos:

«Tenho visto na minha longa carreira, grandes dôres, grandes faltas e grandes arrependimentos, mas Joanna está superior á virtude humana. Abençôo a, lamento-a e admiro-a! Que Deus a proteja, porque o seu logar não é na terra, onde entrevejo para ella, cruéis soffrimentos.»

A princeza Joanna de Orleans morreu em cheiro de santidade e foi depois canonizada pelo Papa Benedicto XIV.

Catharina de Medicis tambem foi duqueza de Orleans. Desposou o principe Henrique duque de Orleans, filho de Francisco I de França.

O irmão de Luiz XIII, Gastão, duque de Orleans, casou duas vezes. No primeiro matrimonio desposou a princeza Maria de Bourbon-Montpensier, e no segundo Margarida de Lorena.

O irmão de Luiz XIV casou tambem duas vezes. A sua primeira mulher foi Henriqueta de Inglaterra cuja formosura deslumbrou a côrte e d'ella escreveu Bussuet. A sua segunda mulher, não foi menos formosa, uma princeza Palatina.

Seguiu-se a estas *mademoiselle* de Blois, filha do grande-Rei e de *madame* Montsan, duqueza de Orleans pelo seu casamento com o Regente. O principe Luiz, nascido d'este casamento e duque de Orleans, casou com a princeza Augusta de Baden que foi mãe do duque de Chartres, depois duque de Orleans, o heroe de Dettingen, que veio a casar com a princeza Luiza Henriqueta de Bourbon-Conti. D'este enlace nasceu o duque de Or-

leans, pae de Luiz Filipe, casado com a princeza Luiza Maria Adelaide de Bourbon-Ponthièvre. A vida d'esta duqueza é, por assim dizer, um romance. Assistiu á revolução franceza e foi desterrada, soffrendo todos os desgostos do exilio. No meio das suas tristezas teve ainda a fortuna de vêr casar seu filho com a princeza das Duas-Sicílias, Maria Amelia de Bourbon, duqueza de Orleans e depois rainha de França.

Temos ainda a princeza Helena de Mecklembourg Schwerin, duqueza de Orleans por ter casado com o principe Fernando. Esta princeza foi mãe do conde de Paris e avó de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Amelia.

A archi duqueza Maria Dorothea cujo casamento com o duque de Orleans teve lugar em Buda-Pesth, com um character intimo a que só assistiram as pessoas de familia, é pois a 18ª duqueza de Orleans, no longo decurso de cinco seculos.

#### GUILHERME MAC-KINLEY NOVO PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA NORTE-AMERICANA

Conforme a lei que regula a eleição do presidente da republica Norte-Americana, verificou-se no dia 4 do corrente, isto é, quatro mezes antes do dia em que termina o mandato do actual presidente d'aquelles Estados, a eleição para o novo presidente que deve substituir Cleveland.

O sufragio deu o triumpho a Guilherme Mac-Kinley por grande maioria sobre Guilherme Bryan, que lhe disputava a eleição.

São verdadeiramente extraordinarios os trabalhos que precedem uma eleição de presidente na republica Norte-Americana; o entusiasmo que se desenvolve, a lucta que se trava nada ha na Europa que se lhe possa comparar.

Os trabalhos principiam bastantes mezes antes do acto eleitoral que elege os delegados á eleição da presidencia.

D'esta vez os candidatos eram Guilherme Mac-Kinley, Guilherme Bryan e o senador Palmer.

Guilherme Mac-Kinley o celebre auctor da lei proteccionista alfandegaria e do monometalismo do ouro, representa a união republicana, pelo que é grande a sua popularidade nos Estados Unidos.

Essa popularidade vem-lhe desde 1890, em que elle apresentou a sua lei proteccionista ao senado americano e que este a aprovou. Desde essa occasião que o seu nome principiou a ser indicado para futuro presidente da republica.

Mac-Kinley teve a dirigir os trabalhos eleitoraes Mark Hanna, politico de grandes recursos, que desenvolveu extraordinaria actividade para assegurar o triumpho eleitoral do seu candidato. Foi nos Estados de Este, ou Estados da Nova Inglaterra e nos do litoral do Atlantico até ao Mississipi a Oeste e até ao Potamac ao Sul, que a candidatura de Mac-Kinley encontrou o maior apoio.

Guilherme Bryan, radical, propagando ideias communistas, arvorando-se chefe do partido democrata, defensor do bi-metalismo, ouro e prata, tinha a seu favor as classes operarias.

E' assombrosa a actividade que Bryan desenvolveu para fazer triumphar a sua candidatura. Nas ultimas semanas percorreu uma grande parte dos Estados Unidos fazendo mais de 500 discursos em publico, em diferentes terras, e dias houve em que discursou em mais de uma povoação, assegurando os jornaes do seu paiz que só no dia 21 de outubro Bryan proferiu desenhove discursos a 150:000 pessoas, no dia seguinte desessete a 120.000 e assim por diante, calculando se que em uma semana o valente luctador da palavra discursou a um milhão de americanos.

Só um homem de uma excepcional robustez physica e moral rodia emprehender semelhante campanha, em que desse provas de tão extraordinario vigor. Effectivamente Guilherme Bryan é um homem fortissimo, tendo a seu favor o nunca ter usado bebidas espirituosas, nem ter fumado ou mascado tabaco. E' extremoso por seus filhos e por sua mulher que o acompanha sempre nas suas excursões eleitoraes, tomando parte muito activa nos trabalhos.

O ter perdido a eleição não o desanimará, de certo, para novas luctas, porque a sua robustez e boa vontade, permittem-lhe grande confiança no futuro.

A candidatura do senador Palmer era apoiada pelo partido democratico-orthodoxo, um grupo de dissidentes partidarios do padrão monetario do ouro, que se absteve de votar na convenção nacional de Chicago, onde Bryan, ainda pouco conhecido na politica, empolgou a situação, n'um discurso violento em que a sua eloquencia brilhou a par das suas ideias demagogicas e revolucionarias.

Apoiavam tambem esta candidatura os delegados democratistas de Ohio, de Texas, do estado de New-York e uma pequena parcialidade da Georgia e de Massachusetts.

Nenhuma probabilidade de triumpho tinha, pois, a candidatura de Palmer, senão apenas, por assim dizer, uma diversão dos democratistas orthodoxos, em proveito da eleição dos outros candidatos, que não obstante defendem principios contrarios, asseguravam qualquer d'elles interesses que convinhem aos democratistas orthodoxos, na questão da moeda.

O candidato triumphante, Guilherme Mac-Kinley é um americano genuino, modesto pelo seu nascimento, pois é filho de paes humildes, soube elevar se pelos proprios merecimentos.

Nasceu no Estado de Ohio a 24 de fevereiro de 1844. Tendo uma instrução pouco mais que elementar empregou-se como escripturario dos correios de Poland e quando se ateou a guerra de 1861 alistou-se no exercito como voluntario, alcançando o posto de major por distincção.

Terminada a guerra, Mac-Kinley entregou-se ao estudo das leis e, em 1866, estabeleceu-se advogado, em Canton onde casou com uma formosa mulher, filha do banqueiro James Saxton.

Foi então que principiou a sua carreira politica, fazendo se eleger membro da assembléa de Ohio, passando pouco depois a governador d'aquelle Estado.

Como dissemos, porém, o seu nome só ganhou popularidade, em 1890 por causa da lei de protecção ao ouro por elle apresentada ao parlamento e que foi acceptada. Com tudo Mac-Kinley, segundo diz um seu biographo, não é um homem, de estado mas um politico feliz, um character irreprehensivel como poucos e um americano amante da unidade e solidariedade americana.

A sua eleição n'este momento tem a mais alta importancia para a lucta que se está sustentando em Cuba pela independencia d'esta possessão hespanhola.

A influencia de Mac-Kinley n'esta questão é grande para o reconhecimento da qualidade de beligerantes nos insurrectos cubanos, e se a lucta não terminar antes da primavera, que é quando o novo presidente assume o poder, a Hespanha terá que luctar com maiores difficuldades, desde que os Estados Unidos intervenham ostensivamente na questão.

#### O ANTIGO MERCADO DE CINTRA

Quando, no verão passado, visitámos Cintra, vimos o novo mercado que a camara d'aquelle concelho mandou edificar, n'uma rua que passa pelas trazeiras do palacio real, sitio escuso, em ladeira estreita e que só a falta absoluta de um local mais apropriado para aquelle fim, poderá desculpar o ter-se ali construido aquelle edificio.

Se ainda notarmos que em a nova edificação não se attendeu ao pittoresco nem ao character da velha e historica villa, que tanto importava não destruir, porque é esse pittoresco e esse character particular que a distingue das outtas terras de Portugal, temos que lamentar a levandade e falta de gosto com que se procedeu áquella obra.

Imaginem o effeito que produziria um cavalleiro mediavel com a sua armadura ou pelota e sayo a quem trocasse o elmo por um chapéu alto, as manopolas por umas luvas de pelica da luvaria Gatos, e o montante ou a acha d'armas por uma *badine* de castão de phantasia e borlas. Seria uma caricatura, não é assim? Pois o effeito que nos produziu o novo mercado, ali junto ao vetusto palacio real com as suas janellas gothicas e as suas cbaminadas arabes, soberbas e altivas como sentinellas avançadas do castello dos mouros.

Não bastava a falta de gosto, com que tem sido feitas algumas edificações particulares, em completa desharmonia com a paisagem local e a historia d'aquelles logares, era preciso tambem que a camara desse o seu contingente para mascarar a velha Cintra com modernismos que tanto a desfiguram.

Ah! Progresso que mal comprehendido desnortea tantas cabeças, e vaes reduzindo tudo ao positivismo materialista que tudo destroe, não restando um refugio onde o coração e a alma se transportem aos tempos idos, de que a historia nos falla nas suas paginas de bronse e os poetas cantaram nos seus poemas immortaes!

Mas se o nosso espirito se entristeceu ao vêr o novo mercado enxertado junto ao velho palacio real, mais se impressionou ainda quando ao procurarmos o antigo mercado tão característico, na praça da villa, não o encontramos!

O attentado fôra completo! A camara mandou-o arrazar, como já em tempo mascarara o

pelourinho com um tanque, e assim destruiu uma das coisas mais caracteristicas de Cintra.

Se o castello dos mouros deixar de estar sob a tutela real, ainda esperamos vêr demolir as suas muralhas e ameias para embellezamento da serra!

Ha uma difficuldade, talvez insuperavel para os dirigentes municipaes, e é as muralhas serem demasiado rijas para o camartello municipal; se não fosse isso... talvez não esperassemos em vêr por este embellezamento.

O antigo mercado ou alpendre com suas columnas e cimailha decorada nos extremos com dois escudos, em que se esculpiam umas inscripções quasi apagadas do tempo, não era certamente uma construcção coeva, porque, pelo estylo, não devia ir além do seculo passado, mas tinha um character que não destoava do da villa e que agradava muito mais ao visitante do que a cadeia que lhe ficava fronteira e que, apesar de ser repelente, com as suas janellas de grades, como todas as cadeias, se delxou ficar no mesmo lugar para admiração dos visitantes da terra.

Estimado leitor quando fores a Cintra não veires na praça o vetusto mercado, com as suas columnas de granito e o caracteristico alpendre; em compensação podereis admirar a igreja manuelina de Santa Maria, caiada, que é mesmo um brinquinho, e a serra povoada de *chalets* de papelão como chapelinhos de sol em arrayaes de mouros.

Para memoria vamos sempre archivando em estas paginas o desenho do arrazado mercado. Que se não perca tudo.

Para isto valeu-nos uma photographia que um escrupuloso amator d'estas velharias nos confiou e que muito lhe agradecemos

#### MELANCHOLIA

Na simplicidade do quadro que apresentamos aos nossos leitores, talvez se encerre um romance, d'esses que se passam no intimo do coração, como um sagredo d'alma, não revelado, mas que apenas se denuncia na tristeza d'aquelles olhos, na melancholia profunda estampada na fronta.

Quantas vezes um amor mal correspondido, a saudade infinda de um ente que se ausentou ou que de todo se perdeu a esperança de tornar a vêr, a falta de um coração amigo que nos comprehenda, a quem possamos confiar os nossos pensamentos, a aspiração para uma felicidade irrealisavel, a sensibilidade extrema no grande drama da vida, produzem esse soffrer brando e lento que se chama melancholia e que tão expressivamente se desenha na gentil cabeça de mulher que faz o nosso quadro.

A leitora, que tem coração, melhor apreciará este quadro, todo sentimento, porque só a mulher comprehende e sente as mais subtilezas sensibilibidades do coração humano!

#### ROUBO INDUSTRIOSO

HISTORIA AMERICANA

POR

R. REINHOLD

(Concluido do numero antecedente)

O empregado desamordaço o pobre Owscat, e desatou as cordas que o manietavam. O bom do Fiel achava-se em estado de completa excitação. Apresentava, é certo, apenas um golpe n'um pulso, golpe que nem já sangrava; entretanto, estava incapaz de responder a quaesquer perguntas, e, por consequencia, levaram-n'o em braços para a estação. Desengataram do comboio o wagon reservado, afim de se passar revista ao cofre e aos papeis importantes que podessem ter escapado ao saque, e de os pôr a bom recado. O comboio, aliviado do peso de um wagon, lá foi seguindo rumo, para leste, em vertiginosa carreira. E agora, que resolução havia a adoptar? Owscat estava ardendo em febre; murmurava apenas phrases incoherentes, e, no edificio da estação, completamente isolado, nem havia lugar asado nem recursos sufficientes para lhe ser ministrado o tratamento que o seu estado reclamava. Optou-se pois pelo meio mais rapido; não tardou em chegar o comboio nocturno que vinha ali entroncar e seguia para Chicago, metteram o pobre homem n'um sleeping-car, e ali, restauradas as forças pela tranquillidade e pelo sono, succedeu o que succede na maior parte dos casos, a natureza resolveu por si só a crise.

Na manhã immediata vamos encontrar Owscat no gabinete de Mr. Smith, director da companhia; fôra chamado a dar explicações ácerca do succedido.

— Ponha-me já tudo para ahi em pratos limpos, Mister Owscat! dizia Smith, ao lado do qual estava sentado um sujeito baixinho, que assistia ao interrogatorio com a maximo indifferença, ao que parecia:

— Diz o senhor, então, que o tal supposto ajudante, o tal Billot, ou como quer que se chama, assim que o viu abrir o cofre, lhe apontára á cabeça o revolver? — E o senhor Owscat o que fez para se defender?

— O que fiz? — Nada. Foi tal o susto, que fiquei sem poder levantar um braço!

— Deveras? Pois nem sequer se lembrou de que iam ali, confiados á sua guarda, valores importantes, que eram propriedade alheia? Nem ao menos fez um esforço?

Ferido nos seus brios de empregado honesto, Owscat ergueu a cabeça e replicou:

— Senhor director! Lembre-se de que eu tinha de escolher entre duas alternativas: a morte ou a obediência; e em taes circumstancias, optar pela segunda, não pôde nem deve ser considerado como prova de covardia! Sou pae de familia — bem sabe...

— Mais uma razão para não ceder sem lucta! — Demais a mais vendo a propria vida em perigo!

— Creia que não deixei de empregar meios de resistencia; e senão olhe... veja... E Owscat mostrou a ferida no pulso. — O ataque foi, porém, tão rapido, tão imprevisito... E d'ahi; Billot viera recommendado pelo senhor Barrett, em pessoa.

— Com que então, era caso assente mandarem-lhe um ajudante? — insistiu o director.

— Sim, senhor. E Billot entregou-me esta carta, escripta e firmada pelo agente local,



GUILHERME MAC-KINLEY — NOVO PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA NORTE AMERICANA

— Mas este papel não é authenticico, a letra do sr. Barrett está falsificada.

— E' possivel! — mas então o telefonio? Se elle proprio fallou comigo pelo telefonio? atalhou Owscat, com intimativa.

— O senhor Barrett nega terminantemente o facto de lhe ter dirigido qualquer comunicação telefonica.

Owscat mudou de côr. — Se era ou não o senhor Barrett, não sei... o que lhes posso affirmar é que ouvi distinctamente o som da sua voz...

— Desculpem entremetter me na conversa... — atalhou o homem baixinho, que até ali parecera absolutamente inattento ao assumpto — mas O meliante tinha-me amarrado tão bem ao pé do cofre, que quasi nem podia mexer um dedo!... Pelo sussurro percebi que elle ia enchendo a mala que trouxera; — depois, quando o comboio entrou a andar muito devagar, calculo que por ir passando por debaixo das quedas de agua dos Montes Azues, ouvi que abria a porta e a tornava a fechar. — Era o fim da festa!

— Já tinha visto o individuo em alguma parte?... indagou o homemzinho.

— Nunca.

— Lembra-se, quando esse alguém lhe falou, qual era o numero de ordem?

— Perfeitamente. Era o 51!

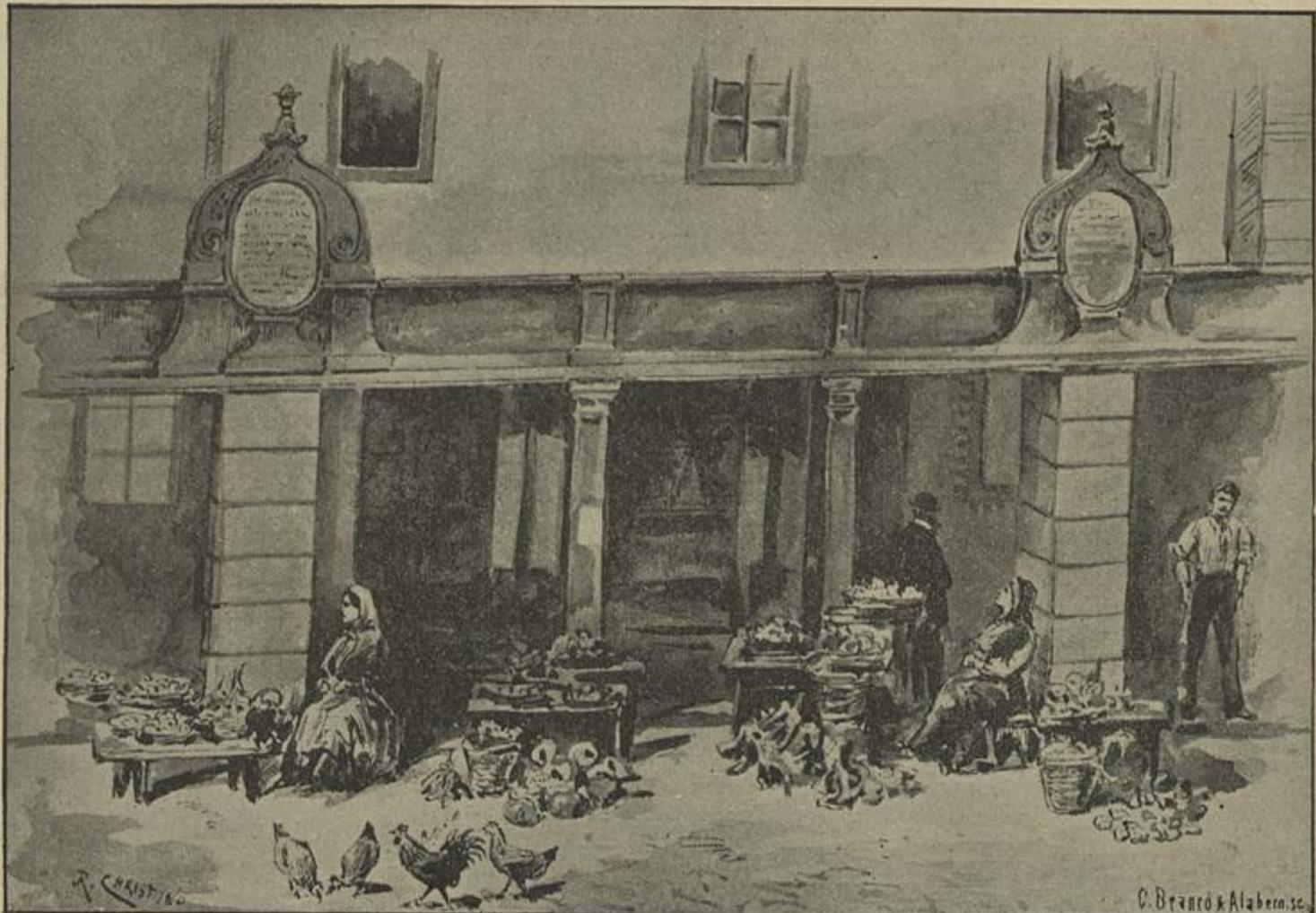
— Como pôde isso ser, se o senhor Barrett não falou com o senhor? observou o homemzinho em tom incisivo; o nome de Mr. Barrett corresponde na lista ao numero 1065; e na agencia telefonica affirmam, de modo positivo, que os dois fios, n'esse dia, nunca estiveram em contacto.

Em vista do exposto, acaso insiste ainda em sustentar o seu dito?

— Insisto... e confirmo a minha declaração... E para prova, invoco o testemunho do proprio telefonista.

— Voltemos, porém, a apurar o caso... Em seguida á ameaça de morte, que mais lhe fez o seu supposto ajudante? — perguntou Mister Smith.

— O que me fez? — Sem mais tir-te nem guar-te lançou-me ao pescoço um cordão, que sacou não sei de onde nem como, e pregou comigo no



O ANTIGO MERCADO DE CINTRA

(Cópia de uma photographia)



MELANCHOLIA

chão. N'um abrir e fechar de olhos, encontrei-me ligado de pés e mãos como uma rez no matadouro, esganado, e suffocado a ponto de não ter fôlego para gritar. *God-damn!*

— Ora ponha o senhor o caso em si — e diga se não era mesmo para uma pessoa se derramar! Estar eu ali de costas voltadas, a ouvir aquelle patife a remecher os papeis e o dinheiro, e sem me poder sequer ao menos virar!...

— E se o tornar a ver, conhece-o?

— Isso é infallível! — E' alto, magro; e tenho bem presente o feitio especial do bigode... Só o

usam d'aquella forma, na America, os individuos de provincia franceza... Se o ouvir fallar logo lhe conheço a voz, o tom fanhoso, a pronuncia.

O homemzinho trocou com o director um olhar de intelligencia, depois sacou da algibeira interior do sobretudo uma carteira, entrou a remecher-lhe os escaninhos, como quem procura qualquer coisa.

— Seria este? perguntou de repente ao empregado, e, com movimento rapido, apresentou-lhe, chegando-lh'a quasi aos olhos, uma photographia,

observando ao mesmo tempo, attento, a impressão resultante da contemplação do retrato. A physionomia de Owscat illuminou-se como que ao clarão de um relampago; mudo, fitava alternadamente ora o retrato, ora o homemzinho que o media com o seu olhar penetrante, e a expressão carregada das suas feições foi, pouco a pouco, aliviando.

— Será possível! E' elle é!... Todo inteiro e entregado! Cá estão o nariz agudo e fino, o bigode de guias retorcidas... as sobrancelhas fartas, o olhar vivo, agudo como uma seta. — Ah! O

senhor conhece, então, aquelle malandrim! Abençoado seja! — E' o senhor quem me ha de defender; quem vae restabelecer os creditos e o bom nome do tio Owscat, do velho honrado que, ha mais de quarenta annos, anda n'este giro de Chicago para o norueste! — Owscat, no auge da excitação, travára das mãos ao forasteiro e fitava o com os olhos arrazados de agua, como se a sua sorte estivesse dependente dos labios d'aquelle homem.

— Socegue, homem! proferiu o visitante, julgo ver claro n'este negocio. Qualquer alvitre considerado, qualquer passo inoportuno ou prematuro, apenas serviria para prejudicar o caso.

Deu varias passadas largas, para cá e para lá, e murmurou, a meia voz. — Sim, sim; deve ser elle... havemos de topar com o fio da meada. — Em seguida, aproximando-se do director, segredou-lhe ao ouvido algumas palavras. Este acenou com a cabeça, como quem concordava.

— Venha d'ahi, disse elle a Owscat, o qual, ansioso, estava já ao pé da porta, em expectativa. — E' o senhor quem me ha de encaminhar; quer me parecer que já vamos no trilho. Sahiram juntos, percorreram varias ruas e o homemzinho, entretanto, não fazia senão olhar attento para os telhados das casas, como se estivesse á espera de surprehender alguma irregularidade nos arames da rede telephonica que, a grande altura, ia acompanhando a linha dos edificios e traçando como que uma pauta na atmosphera. De repente estacou, mirou com especial attenção um predio de muitos andares, que campava pela altura, entre os outros edificios e, elle e Owscat, entraram. O fotasteiro trocou com a porteira algumas breves palavras; Owscat viu-o metter na mão d'ella uma moeda de ouro e investir depois a toda a pressa pela escada acima, galgando os degraus a quatro e quatro. Owscat, meio esfalfado, a muito custo o seguia. O homem continuava a trepar, até que, finalmente, quando chegou ás aguas furtadas, parou. Era, pelos modos, para ali que se dirigia. Duas portas, fronteiras, davam para o patamar. Cauteloso, porém com movimento rapido, abriu uma d'ellas; veloz como o relampago, levou a mão esquerda á cabeça, tirou o chapéu, introduziu-o pela abertura da porta e, simultaneamente, avançou a outra mão, apontando um revolver engatilhado. Lá dentro, ninguem tugiou nem mugiu e o nosso homem, portanto, aventurou-se e entrou.

— *God-damn!* exclamou: o ninho está deserto! e, em rapido volver d'olhos, passou revista ao aposento, que recebia luz d'uma fresta envidraçada, aberta no tecto. — Olé! o passaro, pelos modos, anda a passeiar pelo telhado! Nada! deixemo-nos de folias! E já que aqui estamos vamos a ver, de perto, o que vae cá pela officina.

Os olhos do homemzinho luziam que nem carbunculos. Apalpou, com todo o cuidado, as quatro paredes do aposento, como se andasse á procura de alguma coisa. Encontra-a-hia acaso? De repente, entrou a arrancar, em certo sitio, o papel da parede, e articulou um som abafado, semelhante ao grito de jubilo emitido pelo indio-pellevermelha, que farejou o rasto ao inimigo.

— Ande cá, Owscat, veja isto! exclamou: e entretanto, com a navalha cortou uma tira de papel até ao nivel do soalho, deixando a descoberto um arame negro, envolto em cautchuc, que seguia pela parede abaixo e se prolongava em linha recta, disfarçado por uma fenda das taboas do sobrado, indo terminar a uma meza de tempo movel, arrumada em um esconço que havia na parede. Owscat levantou o tempo da meza e, eis senão quando, deu com um aparelho telephónico, completo, de systema Bell.

Owscat estava n'um tremor d'alegria.

— Quer saber quem era o tal supposto Barrett, que lhe fallou pelo telephonio? disse o agente de policia — o *detective*: — pois era esta a profissão do individuo.

— Ah! tem o que resulta de disporem os arames por cima dos telhados; que o meliante nem por isso se descuidou de estabelecer communições internas. Repare, não vê ali o arame a sumir-se no encanamento das aguas? Sempre as mesmas tramoiias. Se eu logo suspeitei! Mas deixa estar, meu *Thunderbolt-Bill*, meu *Bill-Corisco*, que eu te direi como ellas mordem.

Effectivamente, um dos fios telephónicos que seguiam por cima do telhado, mantidos na conveniente elevação pelo respectivo prumo, fôra solto, desviado e enfiava agora atravez do telhado. Este expediente facultava ao argucioso ladrão fallar em qualquer direcção que melhor lhe conviesse, sem que, em ponto algum da rede, alguém sequer suspeitasse o ardil.

O *Bill-Corisco* era um malfetor assaz conhecido, de origem franceza, que viera á America como empregado da empresa do canal do Panamá; que, mais tarde, obtivera um lugar no serviço

## A UM LIVRO DE ORAÇÕES <sup>1</sup>

Quando te vejo, ó livro precioso,  
Estremeço de amor, supponho vê-la,  
Amor puro, amor santo, amor piedoso;  
E não pude no mundo conhecê-la!

Principiu-te a ler; extranho goso  
Me dulcifica, porque penso n'ella;  
Não me lembra sua voz, ai! desditoso!  
E em minha voz eu julgo percebê-la!

Libro das suas lagrimas regado,  
Libro das suas dores confidante,  
Da que perdi, no mundo mal entrado,

Libro de minha mãe, em ti vivente  
Mostra-m'a quasi o filial cuidado.  
Oh! milagre de amor! Como és potente!

Ramos-Coelho.

<sup>1</sup> *Lampejos, poesias de Ramos-Coelho, pag. 105.*

telegraphico, até que, finalmente, adoptara, como especialidade, o roubo com auxilio do telegrapho. O sagaz *detective* tinha por assim dizer fechados na mão os fios todos da meada, e animava-o a convicção de que, em breve, a aranha não tardaria a achar se envolvida na propria teia.

Oito dias depois, lia o nosso Owscat, exultante, nas columnas do *New-York Herald*, o seguinte communicado:

O *detective* Mac Donald da agencia Pinkerton, (reputadissimo instituto de policia secreta) teve a fortuna de deitar a unha a um refinado gatuno, cujas operações tinham por mira constante os valores confiados á companhia especial de recovasens ferro-viarias. Este distincto especialista em ladroeiros industriais, assaz conhecido pela alcunha de *Thunderbolt-Bill*, é o mesmo que, ha poucos dias ainda, empalmou de modo engenhosissimo, alguns milheiros de dollars, no wagon especial de mercadorias da empresa Smith e C.<sup>a</sup>

Além de todos os papeis importantes, foi-lhe ainda encontrada consideravel porção do dinheiro roubado.

Ao lêr a noticia, Owscat soltou profundo suspiro d'allivio e, em signal de jubilo, dobrou a sua dóse habitual de Bockers-Bitter. Dormiu como um principe, aquella noite!

Pin-Sel.

## FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

(Continuado do n.º 643)

Aos estudos que Fernão de Magalhães fazia, ora em Lisboa ora no Porto, onde tinha mais presistencia, reuniu o conhecimento de Ruy ou Rodrigo Faleiro da Covilhã, que segundo diz Oviedo, na sua *Historia jeneral de las Indias*, era homem de grandes conhecimentos de cosmographia, astrologia e outras sciencias. Faleiro foi de grande auxilio para Magalhães porque comprehendendo-se do seu pensamento e dos seus planos, associou-se calorosamente á empresa, juntando-se-lhe Francisco Faleiro, irmão de Rodrigo, e que tambem era homem sabido em coisas de nautica.

Magalhães já não se encontrava sosinho com a sua idéa, e isto mais o animou a proseguir, nos meios de levar á pratica o seu audacioso plano.

Sem navios nem meios para os adquirir e aprestar, sem nada poder esperar do rei que o desprezara, tinha fatalmente que recorrer a Castella, tanto mais, que para realisar a sua viagem não querendo abeirar-se

## VERSÃO

A UN LIBRO DI PREGHIERE

Quando ti veggo, o libriccin prezioso,  
Par che Lei vedo, e allor mi strugge amore,  
Amor puro, amor santo, amor pietoso;  
Nè la potei conoscere; oh! dolore!

Ti stò leggendo; e un senso delizioso,  
Pensando a Lei, d'amor doppia l'ardore;  
Ahimè! della sua voce il suon m'è ascoso!  
Pur nella voce mia l'ascolta il core.

Libro dalle sue lagrime bagnato,  
Libro dei suoi dolori confidante,  
Di colei che ho perduto appena nato,

Libro della mia madre, in te vivente  
Quasi ella appare al mio pensier turbato.  
Oh! prodigio d'amor! Sei ben potente!

Genova, 6 Novembre 1896.

Prospero Peragallo.

de terras portuguezas, precisava tocar em portos sujeitos á Hespanha e onde não era premitido estabelecer trafico sem auctorisação do rei d'aquelle paiz.

A Carlos V ia offerecer os seus serviços e descobrir os seus planos, pedindo que lhe fornecesse os meios de os realisar. Mais tarde havia de Camões cantar, nos seus immortaes Luziadas, os feitos de Magalhães:

Eis-aquí as novas partes do Oriente,  
Que vós outros agora ao mundo daes,  
Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
Que com tão forte peito navegaes.  
Mas é tambem razão, que no Ponente  
D'um Lusitano um feito ainda vejaes,  
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,  
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra, que contina  
Vae de Callisto ao seu contrario polo,  
Que soberba a fará a luzente mina  
Do metal, que a cõr tem do louro Apollo;  
Castella, vossa amiga, será digna  
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:  
Varias provincias tem de varias gentes,  
Em ritos e costumes diferentes.

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis  
Parte tambem c'o pao vermelho nota:  
De Sancta Cruz o nome lhe poreis;  
Descobril-a-ha a primeira vossa frota.  
Ao longo d'esta costa, que tereis,  
Irá buscando a parte mais remota  
O Magalhães, no feito com verdade  
Portuguez, porém não na lealdade.

## VI

Abandonando a patria e o rei, que tão mal apreciara os seus serviços, Fernão de Magalhães se foi a Sevilha, onde, ainda antes, talvez, de tratar dos negocios da sua empresa, se lhe prendeu o coração a uns olhos, negros e pestanudos de uma gentil sevilhana, D. Beatriz, filha de Diogo Barboza.

O bravo soldado que combatera na India e na Africa; o arrojado navegador que dominara a porcella e queria deavassar ignotos mares que a espada de Balboa havia desafiado, como diz Alexandre de Humboldt — «com a espada na mão mettia-se á agua até aos joelhos, e pensava apossar-se do mar do sul em nome de Castella» — o heroe de Azamor, o homem forte que só parecia viver para a audaz empresa da circumna-

vegação do globo, rendeu-se aos encantos de uma mulher, que soube conquistar-lhe o coração e a quem elle, pouco tempo depois de ter chegado a Sevilha, dava a mão de esposo.

Tambem d'este enlace lhe veio auxilio para os seus planos, porque Diogo Barboza, sogro de Fernão de Magalhães, era, como diz Gaspar Correia: «... homem principal, que sabia navegar no mar, porque era muito entendido na arte de piloto e era *esperico* — o que quer dizer *spherico* ou cosmographo, que sabe da *sphera*.

Effectivamente, segundo Faria e Sousa, na *Asia Portuguesa* e Lafitau na *Histoire des découvertes et conquêtes des portugais*, Diogo Barboza fizera parte de uma grande expedição que el rei D. Manuel mandou aos mares da India, em 1501, indo capitaniando um dos navios da frota de João da Nova, a qual derrotou uma esquadra de mouros que traficavam em Calcuta e descobriu as ilhas da Conceição e de Santa Helena. Este Diogo Barboza deixou o serviço de Portugal e se foi a Castella, onde encontrou protecção em D. Alvaro de Portugal, que havia passado aquelle paiz, quando seu irmão, o duque de Bragança foi decapitado em Evora por ordem de El-rei D. João II (1483). D. Alvaro foi recebido pelos reis catholicos como parente, e lhe deram todas as honras inherentes a tão alto personagem, confiando-lhe os cargos de presidente do conselho dos reis e de alcaide do alcaçar de Sevilha, segundo diz Lopez de Haro, no *Nobiliario de España* e Ortiz de Zuniga, nos *Anales de Sevilla*.

Tão alta protecção teve a sua influencia em Barboza, que foi elevado a commendador da ordem de S. Thiago e logar tenente do alcaide do alcaçar de Sevilha, e assim collocado, casou com a filha de uma das principaes familias de Sevilha, D. Maria Caldeira.

Viveu Fernão de Magalhães com esta familia durante o tempo que esteve n'aquella terra e d'ahi lhe veio proveito, porque alem da protecção do sogro' travou relações com Duarte Barboza sobrinho de Diogo, que tambem viajara para a India e explorara aquelles mares, como prova a relação das suas viagens, publicada, em parte, na *Navigazione e viaggi*, do colleccionador italiano J. B. Ramusio, publicado em 1554, e completa, na *Colleção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, publicado em Lisboa, em 1813.

Como se vê, Fernão de Magalhães ia juntando elementos de estudo que lhe aproveitavam, ao mesmo tempo que alcançava boas protecções para levar a cabo a sua empreza.

Assim se dirigiu em Sevilha, a uma casa chamada da contratação em que se tratavam os negocios maritimos e a que Gaspar Correia se refere nas suas *Lendas da India*: «Em Sevilha tinha o imperador a casa da

contratação, com regedores da fazenda que tinham grandes poderes e trafego de navegação e armadas. Fernão de Magalhães forte de seu saber e com muita vontade de anajar el-rei de Portugal, tratou com os regedores da casa da contratação e disse-lhes: que Malaca e Moluco, ilhas que creavam o cravo, eram do imperador pelas demarcações que entre ambos havia e por isso el-rei de Portugal não tinha direito de possuir estas terras: e que isto elle sustentava em presença de quantos doutores que o contestassem, pelo que obrigaria a sua cabeça. Os regedores lhe responderam que sabiam bem que elle fallava verdade; mas que o imperador não mandava lá seus navios, porque não podia navegar em mares da demarcação de el-rei de Portugal. Ao que, lhes disse Fernão de Magalhães: Se me derdes navios e gente eu navegarei para lá sem tocar em mar ou terra de el-rei de Portugal. E se assim o não fizesse lhe cortassem a cabeça. Os regedores muito satisfeitos assim escreveram ao imperador o qual lhes respondeu que sentia prazer com o dito e muito mais sentiria com o feito: que tudo fizessem os regedores, guardando o seu serviço e as coisas de el-rei de Portugal, em que não tocassem e antes tudo se perdesse. Com esta resposta do imperador fallaram a Magalhães o qual continuou a affirmar o que dizia, de que navegaria e ensinaria o caminho por fóra dos mares de el-rei de Portugal; que lhe dessem os navios que elle pedisse, gente e artilheria e o necessario, que elle cumpriria o que dizia e descobriria novas terras na demarcação do imperador e traria oiro e cravo e canella e outras riquezas; o que ouviram os regedores desejando muito fazer tão grande serviço ao imperador, qual o de descobrir esta navegação, e para terem maior certeza, reuniram pilotos e *espericos* para sobre isto discutirem com Magalhães, que a todos deu suas razões e todos concordaram no que elle dizia e confirmaram que era homem mui sabido.»

Os mares e terras da demarcação do imperador, a que se referia Fernão de Magalhães, eram os comprehendidos na linha divisoria que o Papa Alexandre VI marcara a pedido dos reis catholicos afim de evitar conflictos entre os reis de Castella e de Portugal, pela diligencia em que estas duas nações andavam de descobrir terras desconhecidas.

A linha traçada pelo Papa ia de um polo ao outro, 100 leguas ao occidente dos Açores, dando aos hespanhoes a posse das terras que descobrissem para esta parte e aos portuguezes as que descobrissem e conquistassem para o oriente.

A bulla de Alexandre VI que isto concedia começa assim: *De nostra mera liberalitate, et ex certa sciencia ac de Apostolica potestate plenitudine etc.*

De nossa mera liberalidade, sciencia certa e plenitude do nosso poder Apostolico etc.

Depois d'esta demarcação os reis de Por-

tugal e os de Castella acordaram em fixar a linha divisoria mais 270 leguas ao occidente, pelo que diz Muñoz na *Historia del Nuevo Mundo*.

(Continúa).

Caetano Alberto.

## PERDÃO...

Havia muito tempo já, que o Barão andava apaixonado pela Lôla, uma morena endiabrada que morava no prédio fronteiro, e que o fazia andar com a cabeça a roda, apezar dos seus cincoenta e tantos.

E' que a Lôla, com aquella desenvoltura hespanholada, aquella maneira de sorrir pondo o *abanico* a tapar-lhe a boca, uma boca pequenina que parecia ter sido feita unicamente para conter um mundo de beijos; era sufficiente para fazer perder um santo, quanto mais o Barão, que ainda se recordava dos seus tempos coimbrães, em que fóra o terror das raparigas bonitas.

E d'ahi, a Lôla parecia-se tanto com a Beatriz, com a sua querida Beatriz que elle conhecera por esse tempo, e com quem folheára durante dois annos, todo um romance de amor...

Foi talvez esta recordação o que concorreu para que elle attendesse um pouco mais na Lôla.

Um dia, por acaso, passando pela rua Augusta, viu a hespanhola que ia no americano para Algés.

Ella tambem o viu, e cumprimentou-o com um pequenino abaixamento de cabeça, acompanhado de um sorriso encantador.

O Barão mandou logo parar o carro e subiu para o unico logar vago que havia, na rectaguarda, dois bancos arredados d'ella.

Durante o trajecto ella olhava o disfarçadamente, e quando os seus olhares se encontravam com os do Barão, sorria languidamente, o que muito o fascinava.

E assim foram até que finalmente chegaram a Algés. Lôla quando se apeiou, dirigiu-se para o lado da praia, a contemplar o formoso Tejo que se espreguiçava meigamente pelo areal, e se ia confundir ao longe, onde o sol poente parecia prestes a affogar-se na immensidade do mar.

O Barão, que a seguia a distancia, abeirou-se então d'ella e segredou-lhe qualquer amabilidade que a fez sorrir.

Elle continuou, e tantas finezas lhe rendeu, que, quando descia a noite, já ella passeiava pelo braço d'elle, n'uma attitudé muito indulente, muito intima, reclinando-lhe a cabeça no hombro.

O Barão, tinha rejuvenecido vinte annos, e como nos seus tempos de bohemio, n'aquella noite ficou fóra de casa.

\*  
\*  
\*

Ao almoço, o Barão desfazia-se em affagos, em mil attentões pela sua querida Lôla, jurando-lhe que nunca se esqueceria d'aquella entrevista; e tão apaixonado estava, que chegou mesmo a propor-lhe fugirem para a Andaluzia d'onde ella dizia que era, e ali casarem, passando o resto da sua vida, aos pés d'ella como um fanatico aos pés d'uma imagem.

— Seu pae, estou bem certo que lhe perdoará a falta.

— Pae!?... é coisa que não conheci.

— E mãe.

— Oh! mãe, sim! E se não tivesse morrido, não tinha eu lançado mão d'este meio para viver!

— A calcular pela filha, devia ser bem bonita voltou elle sorrindo amavelmente.

— Oh! se era! Na sua mocidade, dizem que era a rapariga mais bonita de Coimbra.

O Barão surpreendeu-se.

— De Coimbra!?...

Foi então que a Lôla reparou no que tinha dito, e lançando os braços em volta do pescoço do Barão, disse-lhe:

— O' meu amiguinho, o senhor parece ser tão boa pessoa que não quero occultar-lhe por mais tempo a minha naturalidade. Adequiere estes habitos, por que estive algum tempo em relações com hespanhoes mas sou portugueza e nasci em Coimbra. Minha mãe, que como disse era a rapariga mais bonita d'aquella terra, fugiu com um estudante de direito, que lhe tinha promettido casamento, mas que depois de saciar os seus desejos, nunca mais quiz saber d'ella.

O Barão estava sobre brazas. Aquella historia parecia-se com a d'elle, mas como não era o unico que fizera d'aquellas partidas de estudantes, não queria suppor que o que a Lóla dizia fosse com elle.

— Quem sabe se eu conheceria sua mãe, arriscou elle a perguntar, vivi algum tempo em Coimbra tambem. Como se chamava ella?

— Chamavam-lhe a formosa Beatriz.

O Barão pôz-se de pé livido como um cadaver, recuando aterrado e fitando Lóla, que o olhava espantada sem comprehender o que se passava na alma d'aquelle homem.

— Mas o que tem, meu amigo?... o que lhe succedeu?... assusta-me!...

Elle continuou a recuar balbuciando apenas:

— Tu!... filha de Beatriz... tu... minha... filha!...

E caíndo-lhe aos pés. soluçando, só poudo articular uma palavra.

— Perdão!...

Ricardo de Sousa.

## NECROLOGIA

### Dr. Alexandre Bento Meyrelles de Tavora do Canto e Castro

Ainda ha bem poucos mezes o saudámos n'estas paginas pelo seu regresso ao reino, depois de trinta annos passados no ultramar, e já hoje, com o coração opprimido e magoado, vimos deitar as singelas flores da nossa saudade sobre a sua sepultura!

Então, estava ainda cheio de vida com toda a vivacidade e actividade excepcionaes do seu espirito, do seu espirito sim, que o corpo já ia alquebrado pelos annos. Hoje, só resta a sua memoria honrada, por tan os motivos respeitavel, comot a de um caracter nobilissim o do mais superior quilate.

O dr. Alexandre Meyrelles de Tavora, como elle geralmente se assignava, era um d'esses espiritos rectos que tinha o culto da verdade e da justiça.

As desillusões do mundo que veem com os annos não lhe calejaram o coração nem lhe trouxeram os egoísmos da velhice. Não, a sua alma sempre aberta ao bem, nunca enveleheceu. Conservou inalteraveis as suas crenças, os seus affetos, o seu amor do bem.

Quantas vezes o vimos contrariado porque, no arduo desempenho das suas funcções de magistrado, estudando conscienciosa e intelligentemente os processos sobre que tinha de dar o seu voto, não conseguia, apesar de toda a clareza e logica dos seus juizos, convencer o seus collegas a votarem com elle, tanto mais se essa votação contraria importava uma injustiça, no seu entender.

O dr. Tavora andava incommodado uns poucos de dias, perdia o apetite, perdia o somno, o seu espirito soffria as maiores torturas, porque se havia commettido uma injustiça que elle não podera evitar com todos os esforços da sua lucida intelligencia, com toda a vontade do seu espirito recto.

Era preciso conhecê-lo na intimidade para apreciar estas grandes qualidades, que só por si o impunham ao respeito e á admiração de todos.

No longo curso da sua carreira, exercendo por mais de trinta annos a magistratura, na Africa, na India, nos Açores e no continente, administrou sempre a justiça pelo amor da justiça e são importantes os serviços que prestou, como melhor se pode avaliar, no esboço biographico que o OCCIDENTE publicou, e que não repetiremos agora.

N'esse esboço biographico falla-se do juiz e do escriptor; apontam-se os seus escriptos, os jornaes em que collaborou, toda uma vida de trabalho activo, que dá honra ao seu nome, já illustre pelos seus antepassados e que elle mais abrilhantou com as virtudes de que o soube ornar.

Morreu no seu posto, como o soldado na campanha; morreu no campo de batalha, que para elle se pôde considerar o tribunal. No dia 11 do corrente estando na Relação foi accommetido de uma syncope que o prostrou. Conduzido a casa em um trem, teve ainda um lampejo de vida como o da luz antes de se apagar de todo, mas por fim apagou-se pelas 4 horas da madrugada, em resultado de uma congestão cerebral.

O OCCIDENTE devia esta derradeira homenagem, ao integerrimo magistrado e ao illustre escriptor que tantas vezes honrou estas paginas com a sua esclarecida collaboração; e quem escreve estas linhas não menos se julga obrigado a prestar a sua pobre, mas sincera homenagem ao amigo, que no pouco tempo que privou com o illustre extinto, deixou bem fundas as saudades que hoje nos pungem.

A' ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Carolina Payant de Tavora do Canto e Castro, virtuosa viuva do fallecido e a toda a sua ex.<sup>ma</sup> familia enviamos a expressão sincera do nosso pesar.



DR. ALEXANDRE BENTO MEYRELLES DE TAVORA DO CANTO E CASTRO

FALLECIDO NO DIA 11 DO CORRENTE



Recebemos e agradecemos:

Don Quixote, anno 2.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 70, jornal illustrado de Angelo Agostini, 109. Rua do Ouvidor. — Rio de Janeiro.

Foi com verdadeiro prazer que folheámos este numero da magnifica revista Don Quixote, pois que n'elle presta o inspirado e correcto lapis de Angelo Agostini o seu tributo de homenagem a quatro artistas portuguezes cujos trabalhos no Brazil mereceram distincta apreciação.

Referimo-nos a Vianna de Motta e Moreira de Sá, cujos concertos receberam do publico illustrado os mais lisongeiros applausos. O Don Quixote dedica-lhes uma bella pagina em que Angelo Agostini desenhou habilmente uns magnificos retratos dos laureados «virtuosos» e circumdoud-os com delicado gosto de varios attributos artisticos.

Alfredo Tinoco e José Bento, que alli trabalha-

ram, tem a sua consagração, na grande pagina central, onde apparece uma vista da praça do Rio de Janeiro e os retratos dos dois picadores portuguezes.

O Parteiro (novella naturalista) de Oscar Leal. Lisboa. Typographia da Empresa Litteraria. 1896.

Este novo trabalho do sr. Oscar Leal «de ha muito que devia ter sido publicado; porém, só agora sahio á luz, por se haver extraviado no Brazil parte do original, e o auctor não ter podido ultimar mais cedo a sua reconstrução.» Ha, tambem, algum tempo que fomos brindados com o elegante livrinho. Fundando-se em traços veridicos e historicos, a novella desliza rapidamente e apresenta algumas scenas de excessivo naturalismo. O dialogo é animado e photographa, infelizmente, scenas da vida real.

Ao auctor agradecemos o seu novo livro.

Revue du Monde Latino. — A. Pedone, editeur. Rue Soufflot, 13 — Paris — 1896.

Esta importante revista franceza alcança já ao seu tomo xxxv, com o 4.<sup>o</sup> fasciculo referente a setembro de 1896. Trata de politica, historia, litteratura e economia. E' seu director-fundador o barão Ch. de Tournolou. O presente numero contem varios artigos notaveis, como o das Libertés Hongroises, escripto de um antigo ministro, Courier Espagnol, Courier Italien, Lettre de Roumanie, Les Esprits logiques et les esprits faux, Chronique des chemins de fer, etc. Acompanha este volume uma desenvolvida resenha das familias nobres e patricias da França, e que apresenta verdadeira curiosidade.

Carta do Bispo de Coimbra. — Coimbra. Imprensa da Universidade, 1896.

O illustre bispo de Coimbra brindou-nos, ha tempo, com um exemplar d'esta formosa carta, dirigida ao nobre ministro da guerra, sr. Moraes Sarmento, quando este estadista lhe pediu alguns exemplares do bello discurso que s. ex.<sup>a</sup> pronunciara em Madrid, acerca das victorias portuguezas a fim de serem distribuidos pelas bibliothecas regimentaes portuguezas. Já tivemos occasião de nos referir a essa inspirada oração, e, por agora, registamos o lisongeiro pedido do sr. ministro e a offerta de 1.200 exemplares por parte do sr. Bispo Conde. Este facto constitue uma homenagem que honra a todos e que mais uma vez tão justamente exalta o illustre prelado, honra do clero portuguez.

## ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1897

Está publicado este interessante annuario, contendo alem do calendario e de todas as tabellas do costume, um largo extracto da Campanha d' Africa contada por um sargento, com muitas gravuras de retratos e combates.

Publica tambem um resumo da Nova Sciencia de Curar pelo Methodo Kuhne com receitas da cosinha vegetariana, etc.

Uma linda capa em cores representando a Prisão do Gungunhana por Mousinho de Albuquerque.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Cartonado 300 réis pelo correio 320 réis

Recebem-se encomendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 19